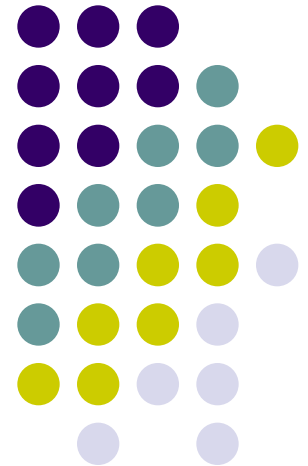


A Psiquiatria e seu olhar

Marcus André Vieira

material preparado com auxílio de Adriana Gabriel, Cristiana Maranhão e Luisa Pacheco

Semiologia

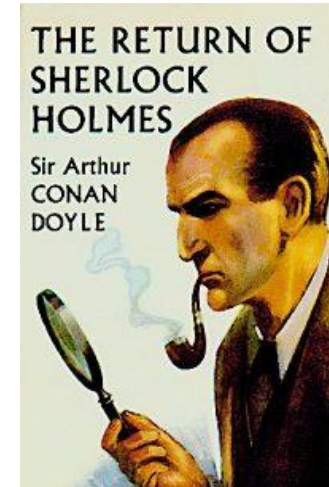


O médico, o detetive e o caçador

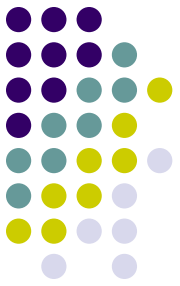


- O olhar do detetive, que coleta pequenas evidências para, uma vez reunidas, deduzir o “agente etiológico” criminal segue o mesmo paradigma do olhar psicopatológico.
- Ginzburg, propõe denominá-lo “paradigma indiciário”. Ele se articula com o método cartesiano: trata-se de apoiar-se em evidências laterais, em pequenos detalhes por exemplo, para concluir sobre a presença da caça, do criminoso ou da doença.
- A associação com o caçador mostra que este olhar sempre existiu, é de sua ascensão ao zênite social e especialmente de sua incorporação no fundamento da medicina científica de que estamos tratando aqui.

(cf. Ginzburg, C. “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”, *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*, 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990).



Hannibal



- *O silêncio dos inocentes*, já clássico filme de suspense, assinala o ponto comum entre o olhar do médico e do detetive, pois os dois estão presente em um só personagem, que ainda por cima é o criminoso. Hannibal Lecter, o protagonista vivido por Antony Hopkins é ao mesmo tempo os três.
- A clássica cena em que apenas ao olhar a policial Clarice Sterling ele praticamente escaneia-a e acerta sobre sua personalidade nos dá a dimensão do quanto nossa sociedade aposta no poder deste olhar.
- **Lecter:** Você sabe o que você parece para mim, com sua bolsa cara e seus sapatos baratos? Você está parecendo uma caipira. Uma caipira inferior com algum gosto. Boa nutrição deu-lhe alguma consistência óssea, mas você não é mais do que um pobre lixo branco. Não é agente Starling? E esse sotaque que você tentou tão desesperadamente não deixar passar? Vinda do Oeste Virginia. Quem é seu pai, querida? Ele é um mineiro de carvão? Será que ele fede? Você sabe quão rapidamente os meninos encontram você... Todos aquelas coisas pegajosas nos bancos traseiros dos carros... Enquanto você não poderia sonhar como sair, ou chegar a lugar nenhum... Nem até o FBI.
- **Clarice:** Você vê longe, Doutor.

Gênio Indomável (Good Will Hunting)



- Já este filme destaca como o olhar do detetive, apesar de bastante eficaz para algumas coisas, é incapaz de trazer a cena o que há de confuso, disforme, ilógico em nós.
- Na cena a seguir, o paciente é que detém o olhar “médico” enquanto o psicólogo é o objeto deste olhar.
- A relação só se estabelecerá quando o terapeuta tiver podido mostrar a seu paciente que nem só de coisas abordáveis a partir de pistas objetivas vive o homem.
- Como se verá, a perda e o desorientação do terapeuta são bastante palpáveis e localizadas pelo paciente a partir de um quadro pintado pelo psicólogo. No entanto a imensidão e virulência do amor dele pela mulher, não.





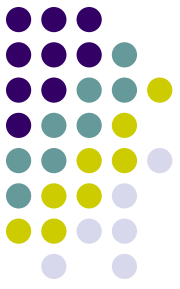
- Você pintou isso?
- Sim. Você pinta?
- Não
- Nem lápis de cor?
- ... Isso é uma verdadeira porcaria.
- Diga-me o que realmente pensa.
- Composição de cores pobre, péssimo uso do espaço. Que merda, não me interessa...
- O que te interessa?
- ... a cor aqui, veja como é escuro. Interessante.
- O que?
- Acho que você está a um passo de cortar sua orelha fora.
- Ah, "Noite Estrelada" (van Gogh), hein?
- Você já ouviu o ditado, "qualquer porto em uma tempestade..."
- Claro, e que tal "águas paradas são profundas"
- Bem, talvez isso significa que você... talvez estivesse no meio de uma tempestade, uma grande tempestade de merda - as ondas quebravam sobre a proa, a porra do mastro estava prestes a arrebentar, e você estava desesperado por um porto. Então você fez o que tinha que fazer, para sair. Talvez você tenha se tornado, então, psicólogo.
- Talvez você devesse ser o paciente e se sentar.
- Talvez você tenha se casado com a mulher errada...
- Cuidado com o que diz!
- É isso não é? Você se casou com a mulher errada. Ela deixou você? Ela estava dando para outro? (Sean caminha lentamente na direção de Will) Como estão seus mares agora ... (Em um flash, Sean agarra Will pela garganta. Will está impotente)
- Se você desrespeitar mais uma vez minha mulher... acabo com você.
- Tempo esgotado.

Semiologia médica: definição



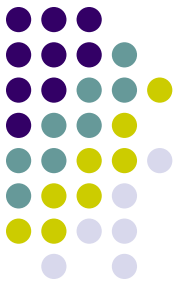
- Estudo dos signos e sintomas que descrevem o funcionamento mental geral através da divisão da experiência subjetiva em funções mentais principais. Além da descrição do funcionamento normal, há a descrição das alterações, com ênfase naquelas que indicam patologia. Sua linguagem é médica, descritiva e consensual.

Sinal e Sintoma



- Classicamente a psicopatologia distingue sinal e sintoma. O primeiro seria mais concreto e objetivo, o segundo seria mais subjetivo.
- A temperatura elevada seria um sinal e a febre um sintoma.
- Entende-se como o olhar psicopatológico vai privilegiar sempre os sinais em detrimento dos sintomas, no entanto, em se tratando do campo da subjetividade será impossível contar apenas com dados objetivos para abordar o sofrimento.
- No campo infinito dos signos, são valorizados aqueles que indicam patologia, que remetem a algum transtorno. Dessa forma, o método cartesiano aplicado às enfermarias psiquiátricas não se limita a dividir e descrever os fenômenos subjetivos de um indivíduo louco; é necessário dar prioridade àqueles signos aos quais se atribui valor de índice em relação a alguma doença mental.
- Sempre é bom lembrar ainda que não se pode superpor objetivo x subjetivo a verdadeiro x falso, tomando tudo o que é mais subjetivo por menos verdadeiro.

Semiótica



Em vez do clássico binômio “sinal e sintoma”, é mais seguro apoiarmo-nos na distinção empreendida por Charles Sanders Peirce (1839–1914). Ele distinguiu três aspectos do signo:

- O primeiro deles seria o de *ícone*. Neste caso, o signo e a coisa significada teriam uma semelhança formal; é o caso da relação entre mapa geográfico e o país representado.
- Um segundo aspecto do signo é sua função de *índice*; o signo *indicaria* alguma realidade, signo e seu referente estariam associados, como no caso da fumaça como índice de fogo.
- O terceiro aspecto do signo é sua função de *símbolo*. Neste caso, a relação entre signo e coisa representada é dita arbitrária, porque não há qualquer semelhança intrínseca entre os dois, sendo sua relação puramente consensual, como são as palavras de uma língua em relação àquilo que elas pretendem designar.

Índices de normalidade e de patologia



- A semiologia psiquiátrica encontrou um modo de constituir-se como linguagem isenta e imparcial ao valorizar, sobretudo, aqueles signos que tem valor de índice.
- Caso optasse pelos ícones, ficaria em um estado de penúria extrema, pois não dispõe dos signos de laboratório e as imagens tão aperfeiçoadas quanto as da medicina em geral. Se ficasse apenas no plano dos símbolos, perder-se-ia em um campo claramente cultural e por demais subjetivo para atingir seus objetivos.
- A semiologia é a listagem dos índices de normalidade e de patologia e seu uso no exame psíquico. Ela permite uma comparação razoável entre sinais tidos como patológicos e outros tidos como normais que, no contexto de nossa cultura, estão claramente articulados ao sofrimento e à saúde.

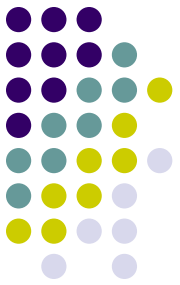
Perigos da semiologia



- Os ganhos em sistematização e organização que a linguagem psicopatológica promove trazem consigo uma perda da capacidade de lidar com o que é particular a cada indivíduo. Isso significa que a psicopatologia é uma ferramenta muito valiosa no estudo da loucura, mas pode ser também extremamente reducionista quando não se enxerga suas limitações.
- Tomados um a um, os sinais carecem de sentido. Canguilhem, novamente, ilustra essa arbitrariedade: “Como não existem fatos psíquicos elementares separáveis, não se pode comparar os sintomas patológicos com elementos da consciência normal, porque um sintoma só tem sentido patológico no seu contexto clínico que exprime uma perturbação global” [2]. Canguilhem, *op.cit* p.64 [2] *ibid*, p.88
- É importante, ainda, notar que a descrição de doenças não é simplesmente uma descoberta científica sobre uma realidade psicopatológica inquestionável. Trata-se, antes, de uma construção.
- Octavio Domont cita Ian Hacking, que defende que na psicopatologia “não existe um tipo de pessoa que veio a tornar-se crescentemente reconhecida pelos especialistas da natureza humana, mas um tipo de pessoa vem existir ao mesmo tempo em que este próprio tipo está sendo inventado. A categoria e as pessoas emergem juntas.”

Serpa, Octavio Domont, *A tranqüilidade do boi no pasto: desafio ético-teórico da psiquiatria para o século XXI*, in *Cadernos do IPUB*, vol. VIII, n.21, p.15

O Exame psíquico



- O olhar psicopatológico se ordena não somente na hierarquia do que será observado, mas igualmente na distribuição do tempo. Assim se constitui o exame psíquico.
 - Após uma investigação histórica, da doença e do desenvolvimento do paciente, a anamnese, procede-se ao *Exame psíquico* que percorre etapas previamente delimitadas para seu desenrolar.
 - A redação dos sinais observados com relação a cada um destes item constitui s súpula psicopatológica.
1. Apresentação:
 2. Atitude:
 3. Consciência:
 4. Atenção:
 5. Orientação:
 6. Consciência do eu:
 7. Inteligência:
 8. Memória:
 9. Sensopercepção:
 10. Pensamento:
 11. Humor e afetividade:
 12. Vontade e pragmatismo:
 13. Psicomotricidade:
 14. Juízo de morbidade:
 15. Planos para o futuro:

Hierarquizando o exame



- Os itens do exame psíquico podem ser agrupados em quatro eixos principais com relação ao grau de importância de suas alterações na clínica :
 - I. Consciência, Atenção e Orientação
 - II. Sensopercepção.
 - III. Pensamento, juízo (incluindo alterações da identidade do Eu) e linguagem
 - IV. Humor e afetividade.
- Resta um grupo heterogêneo de significando secundário com relação ao acima:
 - Inteligência, Memória, Vontade e pragmatismo, Psicomotricidade, Planos para o futuro, Apresentação e Atitude.

Gênese do *Homus rationalis*



- Este roteiro acompanha o *despertar* do sujeito cartesiano normal, no qual a semiologia e a psicopatologia se baseiam.
- É como se um sujeito pensante acordasse: inicialmente toma consciência do ambiente, dirige sua atenção a objetos percebidos, reage afetivamente a eles, elabora conceitos sobre eles e os encadeia em raciocínios, finalmente, julga o que vê a partir do que sente e pensa.
- A este despertar, a psicopatologia opôs o funcionamento anormal da loucura. Em que, seja por uma patologia dos afetos, seja do pensamento, seja da percepção, teríamos, em vez do sujeito cartesiano, um sujeito louco, acreditando ser Napoleão, como nas piadas.



Aristóteles
X
Hegel



Wittgenstein
(jogos de linguagem)
X
Peirce
(abdução)

Curso
Fluxo do pensamento

Racocínio
Não contradição, indução, dedução,
causalidade, identidade, parte pelo todo

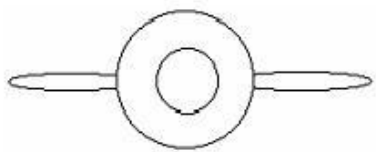
Forma
Arquitetura do pensamento

Juzo
Lógica aristotélica

Curso
Possibilidades infinitas,
nenhuma é patológica em si

Curso

ELEMENTOS PROCESSUAIS



ELEMENTOS CONSTITUINTES

FREUD

- AL.T. CONTEÚDO:**
- Perseguição
 - Ruína
 - Místico
 - Megalomaníaco
 - Hipocôndrico

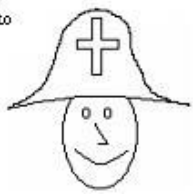
- AL.T. CONTEÚDO:**
- Desintegração

- AL.T. FORMA:**
- Fuga de idéias
 - Afrouxamento dos
laços associativos
 - Dissociação
 - Desarrulhamento
 - Desagregação

- AL.T. JUZO:**
- Deficiente
 - Errôneo
 - Preconceito
 - Delirante

- AL.T. CURSO:**
- Aceleração
 - Lentificação
 - Bloqueio ou
interrupção
 - Roubo do
pensamento

- AL.T. RACOCÍNIO:**
- Pensamento mágico
 - Pensamento delirante
 - Concretismo
 - Pensamento inibido
 - Pensamento vago
- Pensamento deficitário
ou oligofrênico
 - Pensamento demencial
 - Pensamento confusional
 - Prolixidade ***
 - Pensamento obsessivo
 - Perseveração



LOUCURA/DESAZÃO

**FOUCAULT
X
DERRIDA**